BIBLIÔ

Boletim eletrônico das Bibliotecas da EBP

REVISTA:
uma questão de Escola

Nº33
Abril 2025

Escola Brasileira de Psicanálise

BIBLIO

Boletim eletrônico das Bibliotecas da EBP

Gestão 2023/2025

Escola Brasileira
de Psicanálise

Gestão 2023/2025

Marcia M. Stival Onyszkiewicz
Diretora de Biblioteca da EBP

Rogério de Andrade Barros
Diretor de Biblioteca da Seção Bahia

Denizye Zacharias
Diretora de Biblioteca da Seção Leste-Oeste

Gilson Iannini
Diretor de Biblioteca da Seção Minas Gerais

Cleide Monteiro
Diretora de Biblioteca da Seção Nordeste

Ondina Machado
Diretora de Biblioteca da Seção Rio de Janeiro

Camila Popadiuk
Diretora de Biblioteca da Seção São Paulo

Teresa M. Pavone
Diretora de Biblioteca da Seção Sul

Bruno Senna
Capa e editoração

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

6 **Qual lugar do periódico numa Seção da EBP?**

O LUGAR DAS REVISTAS NAS SEÇÕES DA EBP

9 **Relatório sobre as publicações da EBP-MG**

12 **Como uma publicação sustenta-se na e pela política da Escola?**

17 **Publicações na EBP-Rio**

20 ***Agente* faz Escola: uma aposta nos escritos por vir**

25 **O lugar da revista *Sabiá* na Seção Leste-Oeste**

29 **Entre ruptura, suspensão e corte: um desejo de publicação**

33 **O estilo e a revista**

APRESENTAÇÃO

Qual lugar do periódico numa Seção da EBP?

A Diretoria de Biblioteca da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), gestão 2023/2025, lançou várias de suas propostas a partir de uma perspectiva da Biblioteca Una[1]. Tal perspectiva, no início da gestão, apontava para o momento de tombar os volumes de periódicos nacionais e internacional da EBP, assim como os periódicos produzidos pelas Seções da EBP.

Era tempo de lidar com materiais que guardam a história de uma Escola e de sua articulação com outras do Campo Freudiano. Tais produções marcam a transferência de trabalho com o ensino de Lacan, bem como expressam a incidência da cultura e sua leitura pautada na Orientação Lacaniana. Além disso, elas resgatam ecos da prática analítica e sustentam o endereçamento político contemplado pelo Campo destacado.

A organização de grande número das revistas na Biblioteca Una veio acompanhada de uma revisão no *site* da EBP no que se refere às publicações. Assim, à medida que os editores das revistas da EBP revisitaram a descrição do que compete a cada periódico, os ecos dessa revisão emergiram. A abrangência e os limites das quatro publicações[2] favoreceram o interesse de ver e compreender a estruturação das revistas das Seções. Não tardou para uma pergunta se decantar na Diretoria de Biblioteca da Escola: qual o lugar de um periódico numa Seção da EBP?

1 Biblioteca Una é a biblioteca virtual da Escola Brasileira de Psicanálise, com acesso disponibilizado no site da EBP.

2 Revistas da EBP: *Correio* (impressa), *Correio Express* (digital), *Opção Lacaniana online* (digital) e *Opção Lacaniana* (impressa), que é a Revista Brasileira Internacional de Psicanálise.

Assim que a pergunta foi compartilhada com os Diretores de Biblioteca de cada uma das Seções da EBP, ela se transformou, no final de 2023, num tema de pesquisa. Reunidos em cartéis ou em grupos de trabalho, com encontros frequentes ou pontuais, a investigação constituiu-se como uma experiência vivida por membros da EBP, jovens da Nova Política da Juventude e participantes das atividades das Seções. Como trabalhadores decididos, envolveram-se nos meandros das publicações existentes ou se debruçaram sobre elementos que podem fazer parte da construção de uma revista.

Os contextos nos quais essas pesquisas foram realizadas evidenciam que o endereçamento do que se escreve é a Escola. As Seções são da Escola. Nesse sentido, deter-se nesta experiência investigativa é um modo de sustentar a Escola enquanto sujeito, pela via de suas unidades dinâmicas – suas Seções – onde cabe ressoar o discurso, a ética e a política da psicanálise?

O panorama que se evidencia a partir dos textos aqui reunidos vem tocado pela concepção de que os periódicos das Seções acolhem o que se passa na própria Seção. São revistas ou propostas de revistas que têm a visada de receber o trabalho dos membros da EBP e de convidados, inclusive de outras Escolas da Associação Mundial de Psicanálise. Um modo de vivificar localmente a causa analítica, seja pelo meio impresso ou virtual, diante da presença de outros discursos. São recortes de ressonâncias que se apresentam no escrito, indicando também questionamentos sobre o que uma publicação pode instigar.

Chegamos ao instante de ver o que foi possível revisitar, ler e traçar enquanto perspectivas em relação aos periódicos. Segue a aposta de que o tempo de compreender seja frutífero.

Sintam-se convidados a conhecer percursos, articulações epistêmicas, direcionamentos rumo a uma revista, evidências de transferência de trabalho e algumas questões que foram delineadas. É um convite para fazer das publicações das Seções da EBP também uma Questão de Escola[3].

Boa leitura

Marcia M. Stival Onyszkiewicz

Diretora de Biblioteca da EBP (gestão 2023/2025)

3 Esta é uma referência à proposta da Jornada *Questão de Escola*, realizada pela École de La Cause Freudienne (ECF), que conversa com a iniciativa da Diretoria de Biblioteca da EBP em relação às publicações. Este evento da ECF ocorreu em fevereiro de 2025, durante o qual também foi tratado do lugar que é dado às publicações. Disponível em: https://www.hebdo-blog.fr/edito-35/

O LUGAR DAS REVISTAS NAS SEÇÕES DA EBP

Relatório sobre as publicações da EBP-MG[1]

A Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise é responsável por duas publicações.

Revista *Curinga*

Curinga foi o nome escolhido em dezembro de 1993 para a publicação do Setor Mineiro do Campo Freudiano, marco inicial do que viria a se constituir como Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-MG).

Inicialmente, a revista apresentava-se no formato de um boletim, conferindo-lhe a versatilidade que inspira seu nome – Curinga, remetendo à carta de baralho. A publicação é impressa e semestral, existindo desde os anos 1990. No início, era composta por quatro folhas no formato A4, até que, a partir do número 5 (junho de 1995), passou a ter uma capa, mantendo o tamanho A4 até a edição 12 (setembro de 1998). A partir do número 13, ocorreu uma grande reformulação gráfica e editorial, estabelecendo um formato de revista-livro com temáticas centrais voltadas à psicanálise de orientação lacaniana. Desde então, a *Curinga* conta com um *design* gráfico refinado, capas coloridas e imagens de obras cedidas por artistas, sobretudo mineiros.

A revista possui um Conselho Editorial, um Editor e uma Equipe de Publicação. Desde o número 18 (novembro de 2002), adquiriu um registro de ISSN (1676-2495), sendo incorporada a uma base de dados científica.

1 Relatório escrito por Gilson Iannini, Diretor de Biblioteca da Seção Minas Gerais.

Adotando normas da ABNT e submetida à avaliação externa pelo Sistema Qualis do CNPq/CAPES, a *Curinga*, embora não seja uma revista universitária, mantém um nível de exigência compatível com publicações acadêmicas. Ela é reconhecida como um veículo fundamental para a transmissão da psicanálise de orientação lacaniana e a formação de analistas, desempenhando um papel relevante na comunidade psicanalítica da EBP.

A revista é composta por diversas rubricas, algumas permanentes e outras itinerantes. Uma rubrica, variante, comporta sempre o título e/ou o tema de cada edição. Outras têm acolhido trabalhos provenientes de atividades promovidas pela Seção Minas Gerais da EBP no âmbito da Biblioteca, dos Cartéis, da Supervisão e do Passe. Entre as rubricas permanentes, destacam-se:

- *Cartas na Mesa* – Textos que refletem a atualidade política e epistêmica da psicanálise.
- *Internacional* – Contribuições de colegas estrangeiros.
- *Extimidades* – Articulações entre a psicanálise e outros domínios epistêmicos.
- *Radar* – Apresentação de temas emergentes e trabalhos de interesse da EBP e da AMP.

A cada edição, a revista reafirma seu compromisso com a transmissão da psicanálise e a interlocução com a cultura e a sociedade contemporânea. Ao longo dos anos, a *Curinga* consolidou-se como uma das publicações mais longevas de nosso Campo, além de ser uma das mais reconhecidas e com melhor circulação em território nacional. Além disso, a *Curinga* procura sustentar permutas com diversos periódicos nacionais e internacionais.

Derivas Analíticas

Derivas Analíticas é uma revista digital de psicanálise e cultura da EBP-MG. O *site* oficial pode ser acessado em www.revistaderivasanaliticas.com.br. Criada em 2014, seu propósito é a difusão gratuita de textos, entrevistas, ensaios, traduções, imagens artísticas, críticas e resenhas que abordam a psicanálise e a cultura, com especial atenção ao ensino de Jacques Lacan. Seu nome remete ao conceito freudiano de *Trieb* e à ideia de Lacan de que o significante *dérive* seria a melhor tradução para a pulsão.

A revista organiza-se em torno de um tema central por edição, funcionando como um dossiê. Atualmente, suas publicações são distribuídas em quatro rubricas:

- *Mathesis* – Difusão de textos conceituais da Psicanálise de Orientação Lacaniana com caráter ensaístico.
- *Aquele texto...* – Reedição e/ou tradução de artigos importantes da história da EBP e do Campo Freudiano, anteriormente inacessíveis ou não publicados na internet.
- *Você disse contemporâneo?* – Trabalhos que analisam a vida contemporânea e suas produções culturais e científicas.
- *Sinopses, resenhas, etc. & tal* – Breves comentários sobre filmes, músicas, livros, exposições, eventos e manifestações culturais diversas.

Recentemente, a *Derivas Analíticas* ampliou seu alcance com a publicação de números temáticos e, pela primeira vez, de forma ainda sob avaliação quanto à continuidade desta iniciativa, o número 20 encontra-se publicado também em inglês.

A revista publica dois números por ano, consolidando-se como um espaço de produção e circulação de conhecimento psicanalítico no meio digital, sendo uma das mais acessadas revistas de psicanálise no país.

Como uma publicação sustenta-se na e pela política da Escola?[1]

A pergunta colocada no centro do trabalho, "Qual é o lugar e a importância de uma revista em uma Seção da Escola Brasileira de Psicanálise?", desdobrou-se em muitas outras, que ultrapassaram este ponto de partida. Como falar de uma publicação de uma Seção da EBP sem considerar a orientação que deve ser extraída da Escola de Lacan como conceito e experiência? Como fazê-lo sem tocar no tema da transmissão da psicanálise e sua diferença em relação ao que outros discursos, especialmente o científico ou universitário, produzem? E, ainda, como situar uma publicação como instrumento simultaneamente epistêmico e político?

Delimitar o tema específico de cada integrante do cartel[2] foi fundamental e, por acréscimo, pode-se arriscar a dizer que este órgão de base da Escola, por sua estrutura e funcionamento, veicula questões pertinentes às publicações, tais como: a elaboração coletiva; o produto próprio de cada um, ou seja, aquilo que torna um texto autoral e não apenas uma reprodução de significantes-mestres; uma produção que preserve o lugar do saber como um lugar vazio, capaz de provocar outras elaborações; o que é e como localizar uma enunciação, no sentido de determinar se um escrito deve ou não ser publicado; a transferência de trabalho; e a transmissão da psicanálise.

1 Este texto foi produzido a partir das contribuições dos cartelizantes, tendo como relatora Camila Popadiuk.

2 Temas dos cartelizantes. Camila Popadiuk: "Publicação: uma política?"; Élida Biasoli Lenci: "A questão da transmissão: desafio feito para tentar o desejo"; Felipe Salles Silva: "Como citar o invisível: intertextualidade nas revistas da Escola"; Tatiana C. Vidotti: "A revista entre história e a época"; Heloisa Prado Telles (Mais-um): "A que responde, institucionalmente, uma publicação?".

Por fim, pode-se pensar em uma publicação como "máquina de guerra", tal como se propõe em relação ao cartel[3], para enfrentar o mal-estar da civilização e, sobretudo, aquilo que atravessa a própria psicanálise? Trata-se de um desafio permanente: interrogar qual publicação pode estar à altura ou pode responder ao "lugar de refúgio" que é a Escola[4]. É fundamental manter viva essa pergunta, pois sua função é justamente impedir que uma publicação da Escola siga parâmetros rígidos e burocráticos ou que responda a interesses políticos e pessoais (mutualismo) dos envolvidos em uma determinada comunidade.

Ademais, nos perguntamos se seria possível estabelecer um laço entre a publicação de uma revista, seu contexto histórico e a transmissão de uma história própria a uma determinada Seção.

Em todas as suas publicações realizadas, Lacan pautou-se por uma política precisa: escrever para aqueles que podem colocar algo de si na leitura de seus textos[5]. Como aponta Miller, a transmissão promovida por Lacan torna central a enunciação como "desafio, feito para tentar o desejo."[6] Se o leitor não puder despertar algo de si na leitura, resta-lhe apenas abandoná-la.

Assim, na tentativa de responder à pergunta: "a que responde, institucionalmente, uma publicação?", retomamos duas importantes publicações do Campo Freudiano criadas por Lacan: *Ornicar?* e *Scilicet*. *Ornicar?* surge no contexto do início dos seminários de Lacan em Vincennes e da criação do Departamento de Psicanálise na Universidade Paris 8. No primeiro número (janeiro de 1975), a revista é apresentada como um Boletim Periódico do Campo Freudiano, destinado a difundir o ensino de Lacan. Nele, encontramos notícias e divulgações de seminários futuros, além de informações e orientações sobre ensino e pesquisa. Trata-se da "nova orientação do Departamento"[7], que visava à elaboração do estatuto da experiência analítica e à conexão com outras disciplinas.

Miller esclarece que *Ornicar?* é "[...] uma publicação que conheceu várias épocas". Hoje, [...] "começamos uma nova época" [...] e para *Ornicar?* "solicitamos contribuições a não analistas, a maioria universitários, cujos trabalhos podemos aproveitar para nossos estudos."[8] Essa passagem ilustra muito bem a fluidez intrínseca a uma revista, especialmente quando ela responde às exigências colocadas pela experiência ou se renova em função da política que deve ser sustentada em determinado momento histórico.

A partir disto, desdobra-se a seguinte reflexão: a revista de uma Seção da EBP nasceria e existiria para agalmatizar, consolidar, registrar e transmitir uma experiência que implica a tensão entre o Um e o Múltiplo? Entre o Um da orientação e o Múltiplo que contempla a experiência viva de cada uma das Seções da EBP?

---

3 MILLER, J.-A. Le cartel au centre d'une École de psychanalyse. 1994. Disponível em: http://www.causefreudienne.net/cartels-dans-les-textes/. Acesso em: 2 nov. 2024. "Com efeito, o cartel, tal como Lacan o apresenta no 'Ato de fundação', é uma máquina de guerra contra *o didata e sua clique* – como Lacan emprega a expressão em outros lugares. Isso evidencia o parentesco do cartel e do passe. O passe, como o cartel, é, do ponto de vista institucional, uma máquina antididatas." (Tradução nossa. Grifo do autor.)

4 LACAN, J. Ato de fundação. (1964) In: ___. *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 244.

5 LACAN, J. Abertura desta coletânea. In: ___. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 11.

6 MILLER, J.-A. Texto de contracapa. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

7 Cf. *Ornicar*? Bulletin périodique du Champ freudien. Paris, Le Graphe, p. 12, jan. 1975.

8 MILLER, J.-A. ¿Reinventar la Escuela? In: ___. *Preguntas porteñas.* Buenos Aires: Grama, 2024. p. 16.

O projeto *Scilicet*, por sua vez, buscava alcançar novos leitores, fora do círculo da Escola, e romper com uma lógica pedante, na qual o nome do autor precede o texto – o que levou à publicação de textos sem a figuração do nome do(s) autor(es). Tratava-se de promover uma escrita não universitária, desvinculada do significante-mestre que o nome do autor pudera representar. O objetivo era estabelecer uma relação com o saber, e não com o "autor suposto ao saber"[9]. Aqui, pode-se pensar na oposição entre o discurso científico e discurso analítico: enquanto o primeiro presume um saber integral e absoluto, o segundo considera a incompletude inerente à transmissão do saber.

Assim, *Scilicet* se articula claramente com a diretriz de Lacan no "Ato de fundação", na qual ele afirma que "o ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho."[10] A ideia de transferência de trabalho merece atenção especial, não apenas por sua centralidade na Escola, mas também pelo risco de mal-entendidos. Ela não é um trabalho dirigido a alguém, pois isso confundiria o conceito de transferência próprio à experiência analítica. Ela é uma "indução ao trabalho, é o trabalho da indução ao trabalho"[11], ou seja, a movimentação do próprio trabalho e o de outros a partir do desejo de saber como motor do trabalho. Como afirma Miller: "Transferência de trabalho é uma transferência ao trabalho", ou seja, é "aquele que espera de seu próprio trabalho o esclarecimento que pensa que lhe está faltando, a ele e aos outros."[12]

Nossa perspectiva de investigação foi balizada por este percurso, aqui brevemente apresentado, e pela tarefa de nos debruçarmos sobre diretrizes e orientações para a revista *Carta de São Paulo* (*CSP*). Buscamos não apenas compreender o papel das publicações no contexto da transmissão da psicanálise, mas também refletir sobre como elas podem responder às exigências de sua época, mantendo viva a tensão entre tradição e renovação.

Diretrizes e pontos de orientação para a *Carta de São Paulo*

Localizar a origem e o contexto em que a *CSP* se inscreve na EBP nos ajuda a refletir sobre suas implicações com o ensino e com a transmissão da psicanálise, além de permitir uma análise mais ampla sobre o lugar e o valor de uma publicação na comunidade analítica. A *CSP* tem sua origem quando o *Correio do Setor Paulista do Campo Freudiano - Iniciativa Escola* (em sua quarta edição – Dez. 93) torna-se o *Correio Brasileiro do Campo Freudiano - Iniciativa Escola*, gérmen da revista *Correio*, hoje em sua nonagésima terceira edição (Out. 2024). Essa transformação faz com que o Setor Paulista perca seu veículo próprio, produzindo então a *Carta de São Paulo - Boletim do Setor Paulista do Campo Freudiano - Iniciativa Escola*.[13] Seu objetivo era dar sustentação à proposta "Iniciativa Escola", com a finalidade de colocar em marcha "a transmissão da psicanálise" e "a reflexão sobre a questão da garantia."[14] Essas tarefas se deram por meio da realização de seminários e debates, culminando

---

9 ALBERTI, C. Lacan, homem de revistas. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicnaálise*, São Paulo, n. 62, p. 6, 2011.

10 LACAN, 1964/2003, *op. cit.*, p. 242.

11 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas*. Buenos Aires: Paidós, 2000. p. 193.

12 MILLER, J.-A. *Cómo terminan los análisis*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Grama, 2022. p. 146.

13 Boletim mensal publicado originalmente em agosto de 1994.

14 FINGERMANN, D. Editorial. *Carta de São Paulo – Boletim Mensal do Setor Paulista do Campo Freudiano – Iniciativa Escola*, São Paulo, n. 1, s/p., ago. 1994.

na publicação das questões candentes daquele momento. Além disso, a *CSP* tinha um caráter informativo, divulgando a programação de atividades do Setor, o que era fundamental naquela época, dada a ausência de outros meios de comunicação mais efetivos.

Com a fundação da EBP e nos anos que se seguiram, a *CSP* preservou sua premissa inicial em relação à linha editorial do Boletim, que, "para além de informar", consistia em "[levar] em conta o trabalho, promovendo um laço novo para que o um a um em SP [fizesse] série e se [inscrevesse] na Escola Brasileira de Psicanálise."[15] Nesse sentido, a *CSP* cumpriu sua função política essencial no processo de consolidar e sustentar a fundação da EBP. Isso ocorreu por meio da publicação de seminários ministrados por membros da Seção ou do Conselho, conferências internacionais relacionadas a eventos do Campo Freudiano, como os Congressos da AMP e os EBCF, entrevistas, artigos, lançamento de livros e anúncios de eventos futuros.

Até o início dos anos 2000, a *CSP* manteve uma regularidade de publicação, com periodicidade quase mensal, e alguns números abordavam temáticas específicas. Até setembro/outubro de 2011, o título da publicação trazia ainda o significante "Boletim" na capa. Em sua 63ª edição, quinze anos após sua criação e quatro variações de título depois, a *CSP* se apresenta sob um novo significante: "Revista". Ele aparece por extenso em sua capa, mas também em sua formulação enquanto expressão editorial e material, com melhor papel, composição e acabamento.

O que, afinal, mudou com a substituição do significante "Boletim" por "Revista"? Não parece tratar-se apenas de um novo projeto gráfico e de editoração, mas de uma transformação da Seção SP – que podemos ler nas suas produções. A partir de 2011, a periodicidade das publicações sofreu uma redução significativa, com média de dois números por ano. Assim, a *CSP* não apenas mudou de nome como também de periodicidade. Alguns números mantiveram praticamente a mesma estrutura de rubricas, com variações pontuais.

Nos últimos anos, encontramos números com conteúdo exclusivamente de trabalhos apresentados nas Jornadas da Seção São Paulo; números com outros temas, a depender da contingência, por exemplo, "Leituras do Seminário 20", "Pandemia" etc. e também números cujos conteúdos relacionam-se com a proposta de trabalho da Diretoria em sua gestão.

Vale sublinhar que a *CSP* acolhe textos de membros e não membros de Escola, consolidando-se como um lugar de endereçamento das investigações próprias à nossa comunidade. Isto revela, portanto, um trabalho de elaboração permanente do Conselho Editorial, o qual responde às mudanças da própria experiência da Seção.

Por fim, ao largo deste percurso, coube questionar: quem são, ou foram, os leitores da *CSP*? Ela suscita interesse nos membros da EBP?

Debruçar-se sobre a *CSP* é perscrutar os indícios de transferência de trabalho dos múltiplos que vêm produzindo o lugar que uma revista ocupa numa Seção da EBP.

---

15 FINGERMANN, D. Editorial. *Carta de São Paulo – Boletim Mensal do Setor Paulista do Campo Freudiano – Iniciativa Escola*, São Paulo, n. 2, s/p., abr. 1995.

Diante, então, da pergunta "Como o Conselho Editorial pode estar politicamente orientado?", poderíamos dizer que o político estaria intrinsecamente relacionado, não tanto com os temas, com as temáticas, mas sim àquilo que toca diretamente a questão da transmissão.

Adendo

A sequenciação da *Carta de São Paulo*: um problema e uma proposta de solução

Uma publicação periódica é uma obra publicada em intervalos regulares de tempo, como dias, semanas, meses ou anos, sob um mesmo título e com a intenção de continuidade. A periodicidade e numeração da *CSP* é de difícil compreensão. Ela se inicia como uma publicação mensal que começa no número um; era, portanto, de se esperar que, havendo variação do período, se mantivesse o número subsequente. Contudo, a *CSP* atravessa alguns blocos de numeração que, em diferentes momentos, voltam ao 1 e começam a contar novamente, passando também a ser trimestral, semestral e aperiódica (sem regularidade fixa).

Desde o início, a *CSP* utiliza a marcação "Ano" como indicativo de uma sequência que remonta à primeira edição. Usualmente, em revistas ou periódicos, "Ano" refere-se ao ano corrente, ou seja, o ano de publicação. No caso da *CSP*, porém, "Ano" passou a designar o ano relacionado à primeira marcação oficial, realizada quando a publicação ainda era um Boletim. Essa sequência manteve-se até a última edição com a marcação ANO 31.

Entre 1994 e 2024 (RISO - Ano 31, Nº 2, out. 2024) seus oitenta fascículos apresentam variações, incorreções e omissões. A observação das capas atesta uma descompensação na contagem dos anos, dos números, da seriação. Contudo, a intenção de continuidade se manifesta em editoriais que se debruçam sobre a publicação, nomeando seus elementos eidéticos[16]. Nesse sentido, a revista fala de si, pelas vozes de sua Comissão Editorial.

Nenhuma variação, incorreção ou omissão é sem razão. A partir da edição Ano XII, Número 1, de novembro de 2005, inicia-se a chamada "Nova série". Continuamente, ela alertará seus leitores sobre interrupções no trabalho da Seção e sua retomada se dá na fase em que encontramos o maior período de não publicação da *CSP*. Os anos de 2007 e 2008 não registram sequer uma publicação.

Caso a numeração da *CSP* considerasse as edições/fascículos já publicados, a próxima seria a de número 81. A alteração da numeração da revista visa facilitar a identificação e consulta do conjunto, dando conta de expressar o acumulado pregresso, melhor que a contagem do Ano. O uso de uma ficha catalográfica (prática nunca adotada pela *CSP*) também tem a contribuir com uma maior clareza e padronização das revistas seguintes.

16 Características essenciais e fundamentais de um documento que permitem sua identificação, interpretação e utilização como **conteúdo, forma, identificação, contexto**.

Publicações na EBP-Rio[1]

As publicações sempre foram muito valorizadas na Escola de Lacan. Desde o "Ato de fundação", de 1964, sabemos do apreço de Lacan por elas, prevendo inclusive um fundo financeiro "inteiramente reservado para seu esforço de publicação"[2]. Judith Miller herdou do pai essa paixão e se dedicou a organizar as bibliotecas do Campo Freudiano com a fundação da Fibol. De modo geral, é um apreço pelos livros, em especial pelas publicações, não tanto pelas de sua autoria, mas pelo conhecimento produzido por sua Escola.

Até então eram os livros físicos, como hoje chamamos para distingui-los de toda sorte de publicações possíveis no mundo virtual. Muitos de nós ainda guardam certo fetiche pelo objeto destacado do Outro. Porém, a preservação dos bens naturais demanda cada vez mais responsabilidade na hora de derrubar uma árvore. Além da matéria livro, cuidamos também do seu conteúdo. É a esse aspecto que quero me dedicar.

Os livros sempre foram bens pouco acessíveis, tanto por seu preço quanto pelos assuntos que abordam. A pecha de "coisa da elite burguesa" não é/era sem fundamento. Nosso país tem uma média de menos de quatro livros lidos por ano por habitante, mais de 53% dos brasileiros não leram sequer parte de um livro nesse período[3]. Assim, temos mais não leitores que leitores, seja de livros físicos ou digitais.

1 Texto escrito por Ondina Machado, Diretora de Biblioteca da Seção Rio de Janeiro (2023/2025).

2 LACAN, J. Ato de fundação. (1964) In: ___. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 238.

3 *Retratos da leitura no Brasil 2024*. Pesquisa. Notícia divulgada em novembro de 2024. Acessível pelos *sites* G1, Publishnews, *Veja* e outros.

Se pensarmos nos livros de psicanálise, temos que admitir que são mais burgueses ainda. Matéria predominantemente eurocêntrica, branca, cujos maiores mestres foram homens, com raras e louváveis exceções femininas sob a hegemonia fálica. Alguma coisa se modificou; dentre os autores atuais estão várias mulheres, alguns latinos e poucos, pouquíssimos negros, árabes e pobres.

Nos últimos anos, a psicanálise vem se abrindo às mudanças políticas e sociais e incorporando experiências extramuros. Elas têm permitido renovações importantes na sua prática, reverberando em seus conceitos. E nas suas publicações? Qual das reverberações desses novos tempos permitimos que atinja a psicanálise em sua tarefa de dar a ver sua produção de saber? Não se trata somente de divulgação, mesmo que esta seja importante. Não se trata somente de democratizar o acesso, o que também é muito importante. Trata-se, principalmente, de alcance intelectual, de tocar as cordas de modo a transmitir que a "psicanálise é uma maneira de refletir sobre a vida e sobre os impasses da existência, que ela vai além de um tratamento"[4].

Em 2023, durante o trabalho feito pelo Conselho e Diretoria sobre o que é ser membro da Escola, identificamos a necessidade de dar espaço à produção de saber que presenciávamos nos eventos e no cotidiano da Seção, porém não se refletia nas nossas publicações. A diretoria alinhavou um projeto e nomeou uma comissão[5] para construir uma publicação que teria, como princípio básico, dar voz aos colegas que enriqueciam nossos debates com articulações e experiências inovadoras. Assim, nasceu a proposta de uma publicação *on-line*[6] que nos moveu em direção a uma pesquisa para saber o que se publica em nossas revistas e o que essas publicações permitem saber sobre a Seção ao ler aquilo que ela publica[7].

Um panorama geral foi descrito em relação àquele momento das publicações e três pontos principais foram destacados:

1. a repetição de textos em várias publicações de diferentes Seções (necessidade da retomada dos intercâmbios de publicações entre as Seções);

2. a predominância de publicações temáticas, o que, por um lado, limita o acesso de contribuições espontâneas, e, por outro, apresenta textos mais bem acabados, produto de pesquisas mais cuidadosas e elaboração coletiva;

3. as publicações que recolhem as atividades da Seção, inclusive de Jornadas, ficam muito volumosas, não permitindo o acolhimento das contribuições espontâneas que fujam a essas circunstâncias.

Na pesquisa específica sobre as publicações da Seção Rio, a partir dos sumários das revistas que publica – *Arquivos da Biblioteca* e *Latusa* –, uma observação se destacou. Em ambas foi possível observar que, quando os

---

4 LAURENT, É. Os efeitos da psicanálise no tecido da civilização. Entrevista de Fabíola Ramon. *Arquivos da Biblioteca*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 17, set. 2019.

5 Comissão: Ondina Machado, Andréa Reis, Andréa Vilanova, Ana Beatriz Freire, Cristina Duba, Cristina Frederico, Aspizia Barcelos, Camila Drubscky, Grasiela Fragoso e Heloisa Shimabukuro.

6 Trata-se da revista *on-line e-nós*, da Diretoria da EBP-Rio. Disponível em: https://e-nos-revistadepsicanalise.com.br

7 Pesquisa realizada por: Aspizia Barcelos, Grasiela Fragoso e Heloisa Shimabukuro

temas propostos pela revista estavam mais abertos para a cidade, as autorias se renovavam e apareciam textos que imprimiam originalidade de experiências e ampliação de perspectivas.

Isso reforça a ideia de que precisamos sair "do monólogo autista"[8], às vezes presente em nossas publicações, que nos dão a sensação de um saber estabelecido, completo e indiscutível. O que a pesquisa das revistas da Seção Rio indicou foi que, quando se abre o tema permitindo questões vindas de autores não frequentes e/ou de campos de saberes diversos, as interrogações se renovam e mais chances teremos de nos orientarmos pelo *não-todo* saber, pelo saber singular que a clínica e a civilização nos apontam.

Dar a ver nossa produção é dar a ver nossos impasses: são eles que irão produzir efeitos de formação para todos, promovendo avanços e subvertendo o discurso da época. Nossas publicações funcionam também como o braço longo da transferência com a Escola e com a psicanálise, atingindo pessoas que sequer podemos imaginar, muitas delas sem acesso fácil aos livros não só por questões econômicas, mas também porque a informação não lhes chega.

O recente debate promovido pela ECF, intitulado *Questão de Escola*[9], nos leva a pensar a publicação como parte da formação analítica permanente, juntando-se assim ao cartel, à supervisão e à análise. E nos lembra que se a publicação do conhecimento acadêmico é sem consequências, "publicar na Escola é um ato não isento de consequências"[10].

---

8 LEBOVITS-QUENEHEN, A. Questions à Anaëlle Lebovits-Quenehen. *L'Hebdo-Blog*, 2 fev. 2025. Disponível em: https://www.hebdo-blog.fr/questions-a-anaelle-lebovits-quenehen/.

9 *Question d'École*. ECF, fevereiro de 2025. Evento.

10 CASTANET, H. On publie quelque part (1). *L'Hebdo-Blog*, 2 fev. 2025. Disponível em: https://www.hebdo-blog.fr/on-publie-quelque-part/#sdfootnote12sym.

Agente faz Escola: uma aposta nos escritos por vir[1]

Lacan, em sua "Nota italiana"[2], indica que é através do escrito que o saber sobre a inexistência da relação sexual, paradoxalmente, se dá à leitura. A escrita que toca o saber impossível é a via de acesso ao real. Ler é um forçamento, no sentido em que perturba o sentido adormecido. Trata-se de uma ferramenta para o despertar[3].

A função do escrito é uma redução, indo mais além dos semblantes. Há certa compatibilidade entre a função do escrito e o real[4]. O escrito é um meio de transmissão, instrumento capital para abordá-lo. Mais além do algoritmo linguístico do significante/significado, o escrito privilegia a apreensão do real[5].

Se o escrito é a via pela qual o saber impossível da relação sexual se apresenta, um viés político se manifesta mais além do uso da invenção para cada um, que concerne à Escola. "Tudo deve girar em torno dos escritos a

1 Este texto, produto de cartel, foi elaborado por Rogério de Andrade Barros, membro EBP/AMP. Diretor de Biblioteca da Seção Bahia no biênio 2023-2025. Professor na UEFS.

2 LACAN, J. Nota italiana. (1973) In: ___. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 311-315.

3 MILLER, J.-A. Ler um sintoma. *Afreudite, Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada*, ano VII, n. 13/14, p. 1-30, 2011.

4 LACAN, J. A função do escrito. In: ___. *O seminário*, livro 20: *Mais, ainda*. (1972-1973) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. Cap. III, p. 38-52.

5 SANTIAGO, J. A escrita real no passe não é autoficção. Disponível em: https://ebp.org.br/a-escrita-real-no-passe-nao-e-autoficcao/

serem publicados"[6], frase com a qual Lacan encerra sua "Nota italiana", coloca sobre os escritos o poder de nos permitir ler a Escola, o que se tem a dizer, inventivamente, sobre real, sob as trincheiras de cada época, a cada momento, apontando para o futuro.

Em "Ato de fundação"[7], Lacan insere as publicações no âmbito da Seção de Recenseamento do Campo Freudiano, cuja função é assegurar "o levantamento e a censura crítica de tudo"[8]. As publicações atendem ao propósito de atualizar os princípios da práxis analítica na tensão, especialmente, com a ciência. É a partir dos escritos que a psicanálise vai, na fricção com a ciência, se subjetivar.

Lacan dedica suas publicações ao propósito de restaurar o decisivo da experiência freudiana e transmitir a psicanálise[9]. A publicação, nessa perspectiva, provém de uma política precisa: a manutenção do vivo da psicanálise, em sua vertente cortante, tendo em mira o real. É por meio dos pedacinhos de escrito que, historicamente, circunscrevemos algo do real que a Escola se ocupa em transmitir.

Ler o sujeito Escola pelo escrito publicado

A Escola é uma unidade dinâmica, não se resumindo à objetivação de um sujeito de direito, associação sem fins lucrativos regulamentado por Estatuto e Código Civil. A cada acontecimento, como é o caso de conversações, assembleias, jornadas, fazemos Escola. É nesse eixo que Miller situa as publicações: um acontecimento que a presentifica.

Ao nos servir da "Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola"[10], dizemos que a partir das publicações, situamos o sujeito Escola. Um sujeito entendido como efeito, sempre a advir através dos escritos, que nos permite lê-lo, interpretá-lo. A cada publicação, objetiva-se o espírito da psicanálise, fazendo ver que a Escola pensa através dos seus membros, na materialidade dos seus escritos-acontecimentos. Uma publicação, como é o caso da revista de uma Seção, é uma reunião de contribuições individuais a partir da qual se pode dizer, a cada momento: "*Isso é o que pensa a Escola*"[11].

***Agente*, acontecimentos do sujeito Escola na Bahia**

A partir da pergunta sobre o lugar da publicação na Seção Bahia, iniciou-se um trabalho de cartel[12], tomando por *corpus* analisado os editoriais e sumários das vinte e duas edições da *Agente – Revista da Psicanálise*[13]. A es-

---

6 LACAN, 1973/2003, *op. cit.*, p. 315.

7 LACAN, J. Ato de fundação. (1964) In: ___. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 235-247.

8 *Ibidem*, p. 237.

9 ALBERTI, C. Lacan: homem de revistas. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 62, p. 3-8, dez. 2011.

10 MILLER, J.-A. Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. *Opção Lacaniana Online*, São Paulo, ano 7, n. 21, p. 1-16, nov. 2016. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_21/teoria_de_turim.pdf.

11 *Ibidem*, p. 11.

12 Composto por Rogério Barros (Mais-um), Marcela Antelo, Luiza Sarno – membros da EBP Seção Bahia e da AMP – e Clara Melo e Milena Nadier, associadas do IPB.

13 Para mais informações sobre as edições da revista *Agente*, acesse: https://ebp.org.br/ba/publicacoes/agente/

colha por esses itens da publicação atendeu ao propósito de investigar, na apresentação da revista, a cada edição, o que ela sintetiza e objetiva, além de poder, mais amplamente, através dos títulos dos escritos, situar temas de interesse[14].

A partir das reuniões, decantou-se o trabalho na perspectiva de interesses epistêmicos diversos: a relação entre revista e a formação do analista; a quem se dirige a publicação; a articulação entre a publicação e a Escola de Lacan; a contingência de advento de uma revista e como a revista *Agente* faz Escola. O presente escrito se orienta pelo último tema citado, não sem ter sido atravessado pelas demais questões que tornaram essa atividade de cartel uma experiência enriquecedora e única.

A revista *Agente* se inicia em 1994 com a edição de número 0, estando hoje no número 21, publicado em 2024. Nas suas duas primeiras edições, datadas do ano de 1994, testemunha-se a perspectiva de criação do Setor Bahia do Campo Freudiano, passagem de um modo de funcionamento grupal para funcionamento de Escola. Objetiva-se, nesse momento, através da publicação, difundir e publicizar os passos para a criação da Escola, através da divulgação informativa das secretarias do Setor, do Conselho, Estatuto e informes. Com acréscimos em cada edição, acompanhamos a publicação de textos de orientação, com o intuito de atender a política de publicações da Iniciativa Escola Brasil, favorecendo publicações locais, contribuindo para o curso da construção da criação da Escola.

A partir da edição de número 2, tem-se estabelecida a Escola como sujeito de Direito, em 26 de agosto de 1994. *Agente* novamente testemunha e dá existência à Escola, apresentando informações, mais além da sua formalização administrativa, que concernem aos cartéis, à transmissão, às publicações e à biblioteca, lendo-se, com clareza, que as publicações dão existência à Escola, a presentificam. A criação da EBP-BA é um ato em que a publicação entra como um trabalho de Escola, cuja função é promover o desenvolvimento da psicanálise, transmitir o seu saber, oferecê-la ao debate e controle científico.

A partir do número 3, as edições passam a ser temáticas. O imaginário, os pós-freudianos, a interpretação, o sintoma, o passe, o âmago, o nó do sintoma, a ética da psicanálise e as paixões do ser indicam o interesse da comunidade analítica, ao mesmo tempo em que passam a registrar conferências ocorridas na Seção. *Agente* historiciza o percurso da formação contínua dos seus membros, perpetuando algo da história da EBP, dando prova dos aprofundamentos das pesquisas e do aprimoramento das discussões e mudanças na clínica.

Com o passar dos anos, identificamos que o caráter informativo perde a função. A partir da edição de número 9, não se apresenta mais uma agenda, por exemplo, como pode ser ainda encontrada na edição anterior. É possível também indicar que os eixos de orientadores das publicações vão se coadunando ao trabalho de Escola Una, quer dizer, os temas de investigações e direcionamento político epistêmico da Seção e da sua publicação vão se vinculando aos temas da Nacional. A revista segue acolhendo e agrupando textos dos seus membros, sendo local privilegiado para a difusão de trabalhos apresentados nas suas jornadas. *Agente* torna-se um memorial que historiciza seus produtos, um coletor que compila produções resultantes do trabalho anual.

---

14 Não é interesse deste escrito esgotar todas as margens analíticas dos editoriais e temas das edições. Trata-se de uma pesquisa inicial e exploratória, com a finalidade objetiva de pensar como, do escrito, se faz Escola.

Entre as edições de número 13 e 14, encontramos um primeiro hiato. Entre os anos de 2000 e 2007, não houve continuidade da publicação impressa. Após a publicação, na *Agente*, em 2000, de "Paixões do ser", conferência de Éric Laurent em Salvador, a retomada da revista só é feita sob os auspícios do tema da perversão generalizada. Este é o tom da publicação de 2007, agregando artigos sobre o tema da Jornada anual da Seção, enfatizando o lugar da psicanálise na cidade, acompanhando os desafios da época, com textos de interseção com o Direito e de psicanálise em extensão.

Importa destacar que a *Agente*, entre 2007 e 2015, construiu uma nova edição da revista, em meio virtual, tendo sido publicadas três edições especiais em 2007, com o tema do corpo, da criança e da perversão; uma edição em 2008, com o tema da felicidade; uma edição em 2009, de natureza híbrida, com temas diversificados; uma edição em 2011, com o tema da nova ordem simbólica; e seis edições em 2015, com temas igualmente diversos de interesse da Seção, que se alinham às Jornadas locais, ao Encontro Nacional, bem como o trabalho epistêmico realizado nos Núcleos de Investigação. O interesse, nesse momento, na difusão *on-line* é poder captar o espírito da época, podendo abranger novos interlocutores, de outros espaços, não restritos a distribuição tão localizada.

Um novo hiato se faz ver entre as edições impressas de 14 e 15, apenas publicada em 2013, sob o tema "Acontecimentos de corpo". Trata-se do tema das Jornadas da Seção que encarna o objeto causa e provoca a elaboração deste número. Retomar a revista foi um verdadeiro acontecimento, um ato. Aqui, a revista passa a ter ISSN, que inscreve a *Agente* no catálogo de publicações seriadas, o que implica a necessidade de publicações anuais. A introdução do ISSN é também um ato que instaura a série.

A partir dessa série que se faz, *Agente* torna-se anual, acolhendo tanto textos que transmitem o percurso de elaboração do ano de produção da Seção quanto aos temas das jornadas anuais, como o ocaso da intimidade, adolescências, ressonâncias do trauma, o desejo, mas não se limitando a isso: ela também recolhe apresentações, debates, congressos, leituras, conversações, exibições, no intuito de transmitir o vivo que ocorre na Seção, além de manter uma política de trazer trabalhos de colegas de outras Seções e Escolas. O trabalho de "catar lixo" produz a edições com esses restos, ao modo de Lacan, com o neologismo "publixo"[15].

Como *Agente* faz Escola

De forma sintética, após ter feito essa exploração, possibilitando uma leitura do sujeito Escola, Seção Bahia, podemos indicar de que modo *Agente*, como acontecimento que faz consistir, a cada edição, a Escola, se apresenta:

1. Agente dá testemunho e historiciza a Escola, indicando o percurso da formação dos seus membros. Ela participa, de forma enfática, no início da sua publicação, da transmissão dos atos de Escola, difundindo Estatutos e informações para sua difusão e advento;

2. Agente indica a direção da Escola, no seu movimento dinâmico de abordar temas que concernem à práxis analítica, desposando a cidade, subjetivando-se na interseção com os discursos candentes e incitando a comunidade a produzir sobre temas centrais que tocam a subjetividade da época e a própria manutenção da psicanálise como discurso poroso ao Outro social, permitindo-nos ler a Escola a cada momento a partir dos temas das edições;

15 LACAN, 1972-1973/1985, *op. cit.*, p. 38.

3. Agente demarca como a política nacional infiltra e se imiscui na publicação local, indicando que a diretriz é Una em uma Escola, marcando a marcha e orientação para os estudos;

4. Agente compila, nos escritos, a forma como a Seção e seus autores trazem na letra dos seus escritos seus pontos de investigação, abordando algo do real, para cada um, com esses fragmentos discursivos, bem como favorecendo o intercâmbio e a manutenção da história epistêmica da Escola, onde o múltiplo e o singular se alinham.

Para concluir, *Agente*, como acontecimento, a cada edição, presentifica a Escola e nos permite interpretá-la a partir da materialidade dos escritos. O movimento da Escola se encontra em testemunho, nas edições, permitindo localizar e situar a Escola como sujeito na tensão com as questões que marcam as épocas. Mas, igualmente, é salutar pensar os impasses silenciosos não redigidos, que nos permitem interrogar os riscos.

Os hiatos, as descontinuidades das edições, a que se prestam? Se a Escola, através da Revista, acontece, quais atos a presentificaram nos momentos de não publicação? Se a Revista não nos permite ler o real em jogo no sujeito Escola em tempos de escassez de escrita, como e a partir do que interpretá-la?

Por outra via, apesar da sistemática produção e armazenamento historicizante da *Agente*, interrogamos como ler o novo da Escola, o advento de um sujeito por vir. Torna-se clara a função de coletar produções, mas, até que ponto o testemunho de uma história não aponta apenas para a letra morta, de um passado registrável? Como assegurar seu caminho de possibilidade, nos escritos por vir, rompendo o *automaton* dos registros antigos? Haveria um modo de, através dos escritos, abordar o novo? Essas são questões que abrem para que um pedaço de real tenha espaço para apontar para o vivo da Escola. Uma aposta n'*Agente* e nos escritos por vir.

O lugar da revista *Sabiá* na Seção Leste-Oeste[1]

Essa sabiá constrói sobre bases férteis,
transmite entre vãos e reúne pares
na empreitada para novos rumos.
Bartyra da Castro[2]

Nosso cartel se formou como resposta a uma convocação que colocou em causa a grande quantidade de publicações que se nota em nossa comunidade. Há um empuxo à publicação? Esse empuxo é para causar desejo ou apenas publicar por publicar? Qual o lugar de uma revista para uma Seção da EBP? Para que serve? Nós nos servimos delas em nossa formação, ou elas servem apenas para que nossos textos sejam publicados? Em que nossas revistas servem à Psicanálise? Nossas publicações vão além dos muros da Escola? Essas e outras questões foram tema de debates ocorridos na *Conversação com as publicações da Fapol* na ocasião do *Ato de permutação Fapol – O Escândalo da Enunciação*. A ideia, então, era a de que pudéssemos pensar uma política para as revistas num trabalho de cartel, tomá-las como objetos vivos – vivificá-las –, destacando suas particularidades.

1 Cartel composto por: Adriana Gomes Pessoa, Cícero Dufrayer Chicon, Ordália Alves Junqueira, Ruskaya Maia e Denizye Zacharias (Mais-Um). Este texto teve como relatoras Denizye Zacharias (Diretora de Biblioteca da Seção Leste-Oeste 2023/2025) e Ruskaya Maia.

2 CASTRO, B. Apresentação. *Sabiá*, Vitória, n. 1, p. xx, 2021.

A primeiríssima observação que traremos para este relatório, e que não pode faltar, é a constatação do agalma em torno da revista da Seção Leste-Oeste (SLO). Não só porque a vimos nascer (está em sua terceira edição), mas também porque acompanhamos de perto o processo de sua concepção e realização[3]. Seu nome, *Sabiá*, é um signo do que é nossa Seção, "uma *Sabiá* leste-oestina, de páginas aladas, cujo habitat abrange uma geografia singular"[4]. Nesse sentido, o entusiasmo vibrava nos cartelizantes em cada reunião.

Na perspectiva de uma pesquisa histórica da *Sabiá*, para extrair sua política, encontramos uma orientação que se destaca já na primeira edição: a "proposição desse primeiro número da *Sabiá*, visa, em primeira instância, extrair o Uno que compõe nossa empreitada"[5]. A empreitada, no caso, era a própria Seção como resultado de uma nova geografia política para a EBP. Sob essa bússola, seguem-se textos que descrevem o movimento em direção à Orientação Lacaniana em cada uma das antigas delegações que, dissolvidas, puderam formar a Leste-Oeste. É importante ressaltar que esses textos são precedidos por dois outros, que recortam a presença de Lacan e de seus conceitos na história do movimento psicanalítico. Assim construída, a série traz o interessante efeito de inserir tanto a Seção quanto sua revista nessa história.

"Aposta no Uno" é o título do texto de Sandra Grostein, presidente da EBP quando da fundação da Seção Leste-Oeste em formação. Sandra se refere aí à aposta do Conselho, a despeito das diferenças regionais e territoriais, de que esses novos agrupamentos sustentariam a transferência de trabalho entre si e com a Escola. Nesse sentido, podemos retomar – e adaptar – a afirmação de Miller e dizer que "A [SLO] é múltipla [...] e será bem-vindo tudo o que aí venha a reforçar [o Uno] com uma condição – que o Múltiplo o aceite de bom grado"[6].

E, se é verdade que, se sempre haverá o múltiplo, o uno deve ser continuamente reconstituído, podemos pensar que editar uma revista como a *Sabiá* promove essa lógica de contínua reconstituição de um Uno da SLO? Nessa perspectiva, tal questão torna-se importante tanto para a *Sabiá* quanto para a Seção Leste-Oeste. A delicadeza do tema aparece, ainda, quando pensamos na tensão interna entre o Uno e o múltiplo no surgimento de cada edição, que constitui em si um Uno, fazendo um recorte na série, e, ao mesmo tempo, se sustentando na riqueza do múltiplo nos diferentes artigos de seus vários autores, um a um. Assim, "Os autores refletem o canto do sabiá, mesclando membros e não membros, apropriando-se das ressonâncias do trabalho local, da constituição da Nova Geografia, e abertos às dissonâncias."[7] É por aí que podemos pensar no Uno da revista como plural, um trabalho de muitos, a partir do discurso analítico. Dessa forma, "Os muitos não são unificados verticalmente pela identificação ao Um que é o mestre, mas são solidários na interrogação que cada um porta sobre sua própria Causa"[8].

Essa primeira edição tem um tema que não deixa dúvidas sobre sua intenção e peso como publicação inaugural de uma Seção da EBP que também acabara de nascer: "A formação do analista". O texto de Jacques-Alain

---

3 Vale destacar que Ordália Junqueira foi uma das idealizadoras e responsáveis pelo aparecimento da *Sabiá*, bem como das duas primeiras edições, e Denizye Zacharias e Ruskaya Maia responsáveis pela publicação da terceira edição da revista.

4 CASTRO, 2021, *op. cit.*, p. 9.

5 FERREIRA, R. Editorial. *Sabiá*, Vitória, n. 1, p. 12, 2021.

6 MILLER, J.-A. Carta de Jacques-Alain Miller à EBP. *Anuário de membros da EBP e textos estatutários*. São Paulo: EBP, 2023. p. 132.

7 FERREIRA, 2021, *op. cit.*, p. 13.

8 CIACCIA, A. Da Fundação por Um à prática feita por muitos. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 13, p. xx, 1999.

Miller, “Desbastando a formação analítica”, gentilmente cedido pelo autor e até então inédito em português, abre a publicação, testemunhando sua orientação. Nessa orientação, a formação em psicanálise está pautada numa relação de continuidade entre o trabalho de transferência e a transferência de trabalho. Nesse sentido, uma publicação pode ser um ponto de íntima conexão nessa relação contínua, ou ainda, um ponto de convergência, uma vez que, nesse movimento permanente de formação, a escrita tem um lugar central. Faz parte de nossa formação como analistas da Orientação Lacaniana aprender a escrever; não apenas a produzir textos, mas a construir uma escrita não sem a libra de carne. Uma escrita que testemunhe nossa relação com a causa analítica, nossa relação com o inconsciente, pois “É por meio desses pedacinhos de escrita [...] que entramos no real”[9]. Escrever torna-se também um modo de manter viva a Escola, pela via do desejo de cada um de transmissão da psicanálise.

Destacamos, ainda, uma característica da revista *Sabiá*: desde sua primeira edição, ela é predominantemente composta por textos extraídos das Jornadas da Leste-Oeste. Por conseguinte, reflete “o trabalho realizado na intimidade da Seção [...]”[10]. Mesmo os textos internacionais que a compõem são fruto do encontro de um autor/convidado com a Seção, um trabalho desenvolvido entre nós, “historicizando uma seção pela via dos textos. Assim, a revista fica viva, faz um recorte, torna-se única”[11]. Na edição inaugural, os textos foram recolhidos da nossa primeira Jornada, que foi uma jornada de cartéis. Foram, então, publicados ali os produtos de alguns cartéis da SLO que abordavam o tema da formação do analista, atestando, mais uma vez, a política que orientou essa publicação. Como sabemos, o cartel é um dispositivo muito importante para o analista da Orientação Lacaniana por seus efeitos de formação, efeitos que tocam o inconsciente, dividindo o sujeito em relação ao saber, sobretudo quando, ali, é convocado e toma a palavra. Nesse empuxo à construção de um saber que necessita um ‘por de si’, a assunção de um dizer pode também tocar o real à medida que está intimamente ligado à experiência de enunciação. Além disso, o cartel visa a um escrito como produto, ou seja, uma precipitação – em letra – desse dizer. Somente nessa perspectiva de extração, um escrito pode atingir algo de uma transmissão em psicanálise.

Finalmente, trazemos para este relatório o que arremata todas as edições da *Sabiá*, o *Entrevistantos*. O recurso ao neologismo, à *lalíngua*, é primoroso, pois gera ressonâncias na pluralidade de leituras possíveis. Essa rubrica traz para a revista, sob a forma de interlocuções diretas, uma atualidade, o vivo. Faz laço. Nessa primeira edição, temos nossos AME falando sobre passagens fundamentais de sua formação como psicanalistas. Nas palavras do editorial, encontramos aí “o frescor da formação de cada AME da EBP”[12].

Após esse rápido sobrevoo pelas páginas de nossa revista, podemos perceber que elas guardam, inerentemente, uma função de transmissão da psicanálise e se sustentam privilegiadamente como um lugar para a formação do analista. Nesse sentido, veem reduzido, em alguma medida, seu valor como instrumento didático para aqueles que se encontram num primeiro momento de aproximação com a teoria psicanalítica. A ideia de Cícero Dufrayer, cartelizante que traz essa questão, parece interessante: para os jovens passarinhos, a comida é dada diretamente no bico. Talvez, em um primeiro momento, seja função dos membros [ou dos mais experientes] digerir

---

9 LACAN, J. *O seminário*, livro 23: *O sinthoma*. (1975-1976) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 66.

10 FERREIRA, 2021, *op. cit.*, p. 13.

11 Marcia Stival, comunicação pessoal, em uma das reuniões do Cartel.

12 FERREIRA, 2021, *op. cit.*, p. 14.

os escritos da *Sabiá*, levando os restos, as "gotas de psicanálise"[13], aos iniciantes, para que estes, em um segundo momento, possam voar sozinhos.

Partindo para nossas considerações finais, retomamos as questões com que abrimos este texto para afirmar, sem nenhuma hesitação, que não foi um empuxo à publicação que fez surgir essa revista. A publicação da *Sabiá* foi, antes, um ato. Um ato que faz ressoar o que mantém viva a Orientação Lacaniana no fazer cotidiano de seus membros, assim como a formação desse cartel que elucidou a estreita relação com a experiência de enunciação. Nesse sentido, aconteceu nos encontros o ato de tomar a palavra e a escrita a partir de leituras, de cada cartelizante, no um a um, produzindo a tessitura de três fitas que se enlaçam: o ato de ler, de falar e escrever.

Cartelizantes e questões:

- Adriana Gomes Pessoa - Onde a escrita contribui na formação de analistas
- Cícero Dufrayer Chicon - Qual a função da *Sabiá* no entorno da Seção LO?
- Ordália Alves Junqueira - A enunciação no trilho da política da revista *Sabiá*
- Ruskaya Maia - A revista *Sabiá* e o Uno da Seção Leste-Oeste
- Denizye Zacharias (Mais-um) - A política da revista *Sabiá*

13 Fala de Fábio Paes Barreto nas V Jornadas da Seção Leste-Oeste Corpo M-e-m-ó-r-i-a, ocorridas em Vitória nos dias 20 e 21 de setembro de 2024.

Entre ruptura, suspensão e corte: um desejo de publicação[1]

A escrita me interessa, posto que penso
que é por meio desses pedacinhos de escrita
que, historicamente, entramos no real, a saber,
que paramos de imaginar[2].

A questão "a que serve uma publicação?", ponto de partida para o trabalho neste cartel, foi a mola que nos impulsionou a diversas outras questões sobre o papel das publicações nas Seções da EBP. Impulsionou também as discussões sobre o desejo de uma publicação da Seção Nordeste, assim como sobre os avanços e entraves à transformação desse desejo em um projeto.

De início, faz-se importante situar a composição da Seção Nordeste. A partir da Nova Geografia, aos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte – Seção e Delegações, respectivamente – somaram-se, até o momento, Alagoas, Piauí, Sergipe e Maranhão, estados onde a presença de membros e/ou participantes da Seção Nordeste respondem por uma transferência de trabalho dirigida à EBP.

1 Texto elaborado pelos cartelizantes: Cláudia Formiga, Cleide Monteiro (Mais-um), Paulo Carvalho, Susane Zanotti e Wilson Lima, na gestão de Cleide Monteiro enquanto Diretora de Biblioteca da Seção Nordeste (2023/2025).

2 LACAN, J. *O seminário*, livro 23: *O sinthoma*. (1975-1976) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 66.

No que se refere às publicações existentes nesses locais até 2020, quais sejam, *Falasser* – Revista da Delegação Paraíba, *MOTe* – Revista da Delegação RN e *Letra Clínica* – Revista da Seção Pernambuco, esse *aggiornamento* incidiu sobre as três publicações, que foram encerradas no ponto em que se encontravam, resultando em uma interrupção abrupta de suas atividades editoriais. Com a Nova Geografia e certa pulverização do múltiplo institucional, o desejo de publicação foi suspenso, o que nos levou a interrogar sobre o que insiste dos restos da antiga geografia. Ruptura, suspensão e corte foram significantes que ressoaram para nós, no trabalho do cartel, indicando-nos o caminho de uma pesquisa.

Da suspensão do desejo de publicação, passamos ao movimento de tecer novos fios que enlaçam a transferência de trabalho desse novo território libidinal da EBP. Inicialmente, foi lançado pela primeira Diretoria de Biblioteca um Boletim eletrônico, *Litorâneo*, cuja função tem sido, desde então, a de assegurar a memória e o debate sobre o que acontece no trabalho de Escola em nossa Seção. Em seguida, pensou-se em uma revista impressa, nomeada *Tessitura*. Dessa revista, temos estabelecidos, até o momento, a pauta do primeiro número e alguns textos já recolhidos. O trabalho editorial segue em andamento.

Da política de publicações da EBP, depreendemos como orientação a criação de uma revista que exprima o trabalho dessa nova Seção. Para isso, vale retomar aqui como orientação a apresentação feita por Christiane Alberti sobre a publicação na Escola de Lacan: "Jamais sistemática, sempre justificada e ajustada aos meios de difusão, a publicação em Lacan provém de uma política precisa"[3].

E por que publicar?

No Seminário 16, *De um Outro ao outro*, Lacan retoma o neologismo "*publixação*"[4], aproximando as publicações da lata de lixo. Tal crítica parece não eximir as publicações psicanalíticas, já que em 1958, no texto "A direção do tratamento e os princípios de seu poder", ele coloca a literatura analítica no lugar de objeto dejeto: "Quem varrerá esse estrume descomunal dos estábulos de Augias, a literatura analítica?"[5]. Na mitologia grega, Augias não removia o esterco dos estábulos para fertilizar as terras, levando à esterilização da região[6]. Estaria Lacan, já em 1958, nos indicando que seria preciso varrer a literatura psicanalítica para que o campo psicanalítico se mostrasse fértil?

Parece-nos surgir, então, um novo desafio: como produzir uma publicação que possa fertilizar o campo psicanalítico? Uma via possível talvez seja levar em consideração a afirmação de Lacan de que há uma teoria da prática psicanalítica, mas não há uma teoria do inconsciente, pois "falar de teoria do inconsciente é, na verdade, abrir a porta para o desvio ridículo que espero barrar, que já se estende há longos anos sob a denominação de psicanálise aplicada, e que permitiu toda sorte de abusos, sobretudo no que se refere às belas-artes"[7].

---

3 ALBERTI. C. Lacan, homem de revistas. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacionald e Psicnaálise*, São Paulo, n. 62, p. 3-7, dez. 2011.

4 LACAN, J. *O seminário*, livro 16: *De um Outro ao outro*. (1968-1969) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 11.

5 LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. (1958) In: ___. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 648.

6 BRITO, P. S. Hércules furioso: a epilepsia na tragédia grega. Relatório parcial de pesquisa. 2008. Disponível em: https://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2008/relatorios/ccs/his/his_paloma%20_da_silva_brito.pdf. Acesso em: 30 jan. 2025.

7 LACAN, 1968-1969/2008, *op. cit.*, p. 64.

Consideramos que uma publicação envolve a seguinte trilogia: ler, escrever, publicar. A leitura é uma parte fundamental da formação e da prática de um analista, e não se trata apenas de ler textos, pois também se lê um sintoma.

A escrita, por sua vez, pode nos levar a diversas possibilidades e articulações teóricas que nos fazem avançar no campo psicanalítico, mas também pode esbarrar no que não cessa de não se escrever, um ponto de impossível que nos adverte que a relação sexual não se escreve. Aqui deparamos com a vizinhança entre a letra e o gozo. A letra apontando para a localização do gozo-silêncio, algo da ordem de um segredo, que não se destina ao Outro. Estaria a letra-gozo do lado de quem escreve? Como nos diz Laurent, "a letra é *perturbação lógica* e a escrita, para Lacan, o sistema de notação das perturbações da língua, do fato de que a língua escapa à linguagem, e que há sempre, no que se diz, o que fica reservado, o que não chega a se dizer e que, no entanto, se escuta (*entend*)"[8].

Também nos perguntamos, em nosso trabalho de investigação, se a publicação na Escola, enquanto escrito orientado ao real, habitaria o campo litorâneo borrado pela letra. Convocamos, nesse ponto, a noção de "limiar" proposta por Walter Benjamin. Em seu trabalho inacabado *Passagens*, Benjamin observou que o homem de sua época tornara-se pobre em "experiências liminares" (a morte, o nascimento, o casamento, a puberdade…), tendo-lhe restado, talvez, apenas o adormecer e o despertar. O limiar, explica Benjamin, não é simplesmente uma fronteira. É uma zona: "mudança, transição, fluxo estão contidos na palavra *schwellen*[9]", explica o filósofo alemão.

A autora Jeanne Marie Gagnebin argumenta que, na língua alemã, a "fronteira" (*Grenze*) é aquilo que contém e mantém algo, evitando seu transbordar, contornando e limitando certo domínio. Já o conceito de *Schwellen*, limiar, soleira, umbral, se inscreveria no domínio do movimento, da ultrapassagem, de "passagens", transições. "Seja ele simples rampa, soleira de porta, vestíbulo, corredor, escadaria, sala de espera num consultório, de recepção num palácio, pórtico, portão ou nártex numa catedral gótica, o limiar não faz só separar dois territórios (como a fronteira), mas permite a transição, de duração variável, entre esses dois territórios"[10]. Experiências liminares, explica ainda a autora, seriam aquelas que ousariam abandonar a ilusão de soberania e controle do "assim chamado sujeito do pensar", abrindo-se aos desvios e à "multiplicidade do real". Limiar evocaria tanto o desvio, como a temporalidade da espera.

Perguntamos, então, em que medida a publicação se articularia à letra, possibilitando tanto os desvios como as esperas, fluxos e contrafluxos, transições, viagens e desejos experimentados nas *passagens*. Poderíamos pensar a publicação como a soleira da Escola? Ponto de contato com os demais discursos, ali onde certo "estilo de cientista" nos conviria – sem a reciprocidade com o discurso universitário? Não é a soleira o próprio testemunho da disjunção entre o sentido e o gozo? Também poderíamos derivar dessa hipótese a íntima relação entre a publicação e o cartel, sendo ambos soleiras onde o desvio encontra o compasso demorado e decantado da espera.

---

8 LAURENT, É. *O avesso da biopolítica*: uma escrita para o gozo. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016. p. 2.

9 BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 535.

10 GAGNEBIN, J. M. Entre a vida e a morte. In: ___. *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 14.

Afinal, para que uma publicação?

Do litoral ao literal, ao interrogar sobre a função desse escrito particular – um periódico para a Seção Nordeste –, concluímos que foi necessário um tempo para o desinvestimento e o reinvestimento libidinal na publicação, um trabalho de luto. Herdeiros da inquietante "fragilidade do Um na EBP"[11], acrescida da pulverização do múltiplo institucional decorrente da Nova Geografia e da contingência da pandemia, o periódico pode ter a função de vivificar, em nossa comunidade, o endereçamento de textos e a transferência de trabalho.

Advertidos do desafio que temos de sustentar o Uno e o Múltiplo no âmbito das publicações do Campo Freudiano, interessa-nos alocar nesse contexto o desejo de uma revista da Seção Nordeste. Nesse movimento, não podemos deixar de considerar o lugar que as publicações ocupam em nossa civilização, marcada pelo excesso de textos, pelo descaso com a leitura e pela hipervalorização do saber *prêt-à-porter*.

Apostamos, assim, na transferência de trabalho nessa comunidade analítica, que tem dado existência à Seção Nordeste, desde a sua fundação no final de 2020. A revista *Tessitura*, como um recurso aos efeitos da fragilidade do Um no interior da EBP, pode ser um veículo de fortalecimento do Uno. Como nos lembra Miller, "O Um da Escola é frágil e será bem-vindo tudo o que venha reforçá-lo com uma condição – que o Múltiplo o aceite de bom grado"[12].

---

11 MURTA, A. A fragilidade do Um na EBP. Disponível em: https://ebp.org.br/a-fragilidade-do-um-na-ebp/.

12 MILLER, J.-A. Carta de Jacques-Alain Miller à EBP. (1995) *Anuário de membros da EBP e textos estatutários*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2021. p. 134.

O estilo e a revista[1]

Recebemos o convite da Diretora de Biblioteca da EBP, Marcia Stival, para formarmos um cartel tendo como tema de orientação a função de uma revista dentro de uma Seção da Escola. No entanto, a Seção Sul da EBP teve seu início com a Nova Geografia da Escola, a qual deu origem a três novas seções: além do Sul, a Leste-Oeste e a Nordeste. Como pensar na função de uma revista quando nem uma revista temos? Foi a partir dessa constatação que, durante nossas reuniões, tomamos a decisão de o produto do cartel ser a futura revista da Seção Sul.

Antes, porém, avançamos nas nossas questões, em especial na diferença entre o boletim *Modos de Usar*, calcado na divulgação das atividades realizadas na Seção, e uma revista para a Seção Sul, tendo como direcionamento os textos dos membros da Seção Sul e dos convidados de outras Seções e Escolas que trabalharam em alguma atividade local. Tal modo de trabalho convocaria o singular da Seção transmitido nas páginas da revista, um local de produção e ressonâncias comportando um estilo próprio.

Se na literatura dizemos que o estilo é o modo, o "jeito" como um escritor se utiliza para se expressar em seu texto, na psicanálise, no entanto, o estilo parece nos levar a uma outra vereda, muito além de qualquer familiaridade da escrita, quando algo soa conhecido para o leitor. Levando em conta o que Leonor Curti[2] afirma sobre o estilo ser o que de mais real alguém pode apresentar, já estamos na seara do que escapa à familiaridade de escrita.

1 Texto oriundo do Cartel "Uma revista para a Seção Sul", inscrito na EBP sob a rubrica Conexões, com os participantes: Teresa Maria Aparecida Pavone (EBP/AMP, Diretora de Biblioteca da Seção Sul), Célia Aparecida Ferreira Carta Winter (EBP/AMP), Louise Amaral Lhullier (EBP/AMP), Flávia Cêra (EBP/AMP), tendo como Mais-um Gustavo Ramos da Silva (EBP/AMP). O cartel teve início em 18 de dezembro de 2023.

2 CURTI, L. *Efectos de estilo*. Olivos: Grama Ediciones, 2021.

Por isso, refletir sobre o lugar e a função de uma revista para cada Seção da Escola Brasileira de Psicanálise também nos remeteu a dois termos, que figuram na abertura dos *Escritos* de Lacan[3]: objeto pequeno *a* causa de desejo e estilo. O lugar de objeto *a* pensado não como mais uma revista de psicanálise – que poderia se somar a um excesso de produções, recaindo do lado do objeto *a* como mais-de-gozar, e compactuando com o empuxo contemporâneo a gozar mais e mais –, mas pensá-la em um lugar privilegiado de objeto *a* causa de desejo de saber. Como um objeto agalmático. Sobre a questão do estilo correlato à singularidade, podemos pensar na função de uma revista em cada Seção, a função de fazer circular as particularidades e as múltiplas singularidades de cada comunidade, as diferenças dos trabalhos de cada região, de cada lugar, aproximando-as e fazendo circular as diversidades das produções em torno da Orientação Lacaniana. Poderíamos, assim, pensar a revista nos termos aos quais Lacan se refere aos seus *Escritos*? Uma revista de psicanálise seria

> o objeto que responde à pergunta sobre o estilo [...]. A esse lugar que, para Buffon, era marcado pelo homem, chamamos de queda desse objeto, reveladora para isolá-lo, ao mesmo tempo, como causa de desejo em que o sujeito se eclipsa e como suporte do sujeito entre verdade e saber[4].

O estilo é quando ele é lido, leitura aqui entendida na esteira do que Jacques-Alain Miller pontua em "Ler um sintoma"[5], ou seja, não a leitura efetiva de um texto qualquer, mas uma leitura na qual é preciso colocar algo de si, sua relação com o inconsciente e o que atravessa cada um ao colocar em prática tal leitura. Isso que ressoa no Outro do estilo é o que de real pode ser transmitido, colocando-nos de modo diferente a primeira hipótese, já que agora estamos no infamiliar, no que causa estranhamento justamente por não se saber, *a priori*, o que ler sem ter em vista o estilo e o sentido.

Se a leitura é fora de sentido, ela não pode comportar um estilo que identifica, mas sim um estilo real, sempre escapando de nossas mãos. A pergunta que se decanta então é: qual a nossa marca enquanto Seção Sul? Qual o real do estilo no coletivo da Escola?

Essa hipótese pode sustentar a aposta em uma nova revista. Uma aposta que se valha de um cálculo cuidadoso, capaz de favorecer a sorte, ou seja, a contingência dos encontros com seus destinatários. Para que circule, há que considerar as correntes marinhas, os ventos, o invólucro, o papel, a tinta, as palavras. Sobretudo há que apostar que comporte e veicule algo de heterogêneo, que possa fazer algum barulho, perturbar o sono, desacomodar. Em tempos de tanta letargia, despertar por um instante que seja pode ser um objetivo tão ambicioso quanto necessário.

Foi Judith Miller quem sempre apontou para o imprescindível da elucidação e divulgação da prática analítica através das Bibliotecas e das publicações do Campo Freudiano. As revistas são seus meios mais conhecidos em nossa comunidade. Elas pretendem veicular uma leitura e um ensino, algumas perguntas e inquietações reunindo (e essa reunião é importante porque concentra quando a tendência é a dispersão) os esforços de mantermo-nos

---

3 LACAN, J. Abertura desta coletânea. In: ___. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 9-11.

4 *Ibidem*, p. 11.

5 MILLER, J.-A. Ler um sintoma. (2011) *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 70, p. 13-22, jun. 2015.

atualizados e atualizando nossa prática. Elas são destinadas também a novas e outras leituras que permitam novas e outras escritas. Para tanto, é preciso que elas circulem, que elas causem interesse, que elas estejam dispostas e disponíveis às contingências dos encontros. Mas como saber se as revistas encontram seus leitores? Não há índices objetivos que meçam os efeitos de uma leitura. Podemos saber de seus ecos, embora os efeitos sigam sendo um mistério. Esse me parece o desafio que encontramos ao pensar uma revista que envolve tantas questões em sua feitura. O equilíbrio entre a produção e a leitura, aqui, está longe de ser alcançado. Talvez ele seja uma miragem da qual tenhamos que abrir mão. Então, uma hipótese: uma revista, em sua função política, é uma carta lançada no mar de publicações em busca de destinatários que possam se servir de suas linhas e entrelinhas para que a psicanálise siga viva e presente nos tempos que sempre correm.

A revista, para não ser mais uma, nesse excesso de publicações, precisa ser como uma costura que não apaga as fissuras, mas as expõe como marcas de um trabalho vivo. Jacques-Alain Miller, em *O lugar e o laço* (2000), ressalta que as publicações psicanalíticas devem funcionar como "pontos de capitonagem" no discurso da época, fixando sentidos provisórios sem cair na ilusão de totalidade.

Pensar uma revista como um ato, na Orientação Lacaniana, é pensar novamente o estilo. Estilo como o que faz furo no saber, uma incisão que revela o real inapreensível. Estilo não como ornamento, mas como forma de escrita do desejo, um modo singular de circunscrever o objeto *a* – aquilo que falta, causa o desejo e sustenta a trama do simbólico. A revista da Seção Sul, ao recolher os trabalhos dos membros, e o que ressoa das Jornadas e dos Cartéis, pode ser um agalma, um objeto precioso que condensa o saber em torno de um vazio, convocando os leitores a se perderem – e se reencontrarem – nas bordas do dizível. Cada artigo é uma carta na garrafa, endereçada a um leitor por vir. Não há destino certo, apenas a aposta de que, como diz Lacan, o estilo é o *sinthoma* que nos une na solidão do dizer. O estilo não é apenas forma, mas ética: um compromisso com a singularidade que fura o muro da linguagem para deixar passar algo do impossível.

Cada edição é um convite a "ler como um analista", isto é, a escutar o não-dito que ecoa nas palavras. Como um barco a navegar no mar do Real, nossa revista lança suas redes ao acaso dos encontros.